

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
GRADUAÇÃO EM DANÇA - LICENCIATURA

Danielle Morais Lage

**A DANÇA NA MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA NOS PORTADORES DE
AUTISMO: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Belo Horizonte

2024

Danielle Morais Lage

**A DANÇA NA MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA NOS PORTADORES DE
AUTISMO: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Escola de Belas Artes da Universidade
Federal de Minas Gerais como requisito
parcial para obtenção de título de graduação
no Curso de Dança – Licenciatura.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Raquel Pires
Cavalcanti

Belo Horizonte

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM DANÇA

FOLHA DE APROVAÇÃO

**“A DANÇA NA MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA NOS PORTADORES DE
AUTISMO: UMA REVISÃO DE LITERATURA”**

DANIELLE MORAIS LAGE

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em Dança, como requisito para obtenção de título de Licenciatura em Dança, aprovada em 28/08/2024 pela banca constituída pelos membros:

Orientador(a): Profa. Raquel Pires Cavalcanti

Examinador(a): Prof. Paulo Baeta Pereira



Documento assinado eletronicamente por **Raquel Pires Cavalcanti, Chefe de departamento**, em 12/09/2024, às 15:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Jose Baeta Pereira, Professor do Magistério Superior**, em 12/09/2024, às 18:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3548012** e o código CRC **249CC9D0**.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que sempre me guiou e me deu forças para prosseguir, ao meu esposo e filhos João Pedro e Maria Luísa que desde ainda bem pequenos compartilharam comigo minha jornada acadêmica. Meus queridos, nunca desistam dos seus sonhos, acreditem sempre em vocês e em Deus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, sempre em primeiro lugar a Deus, pois sem Ele certamente eu não poderia ter chegado ao fim de mais uma jornada na Dança. Tenho certeza de que foi Ele mesmo quem semeou em mim o amor e a dedicação pela dança ainda pequena. Todos os caminhos que percorri até aqui, me levaram sempre a essa arte que eu tanto sou apaixonada e inteiramente dedicada.

À minha mãe que, quando prestei o primeiro vestibular ainda no ano de 1998, para o curso de Engenharia Civil, curso que vim a cursar nos anos subsequentes, mas que, no dia deste vestibular minha querida e amada mãe com lágrimas nos olhos me disse: “Filha, estou feliz por você, mas você ainda fará faculdade de dança e tenho certeza de que será na UFMG”. Nem sequer existia o curso de Dança da UFMG, mas ela sabia que eu carregava comigo dois grandes sonhos: me aprofundar cada vez mais na Dança e estudar na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Gostaria que estivesse aqui para que juntas, celebrássemos a realização deste sonho. Tenho certeza de que, de onde estiver, estará sorrindo pra mim. Te amo e te agradeço por sempre acreditar em mim e me incentivar.

Um agradecimento imenso ao meu Pai por sempre estar ao meu lado, me apoiando, me ajudando com as crianças, rindo das minhas danças malucas, como ele costuma chamar minhas improvisações na Dança, e sempre me dizendo que sou a melhor bailarina do mundo. Sempre sendo pai, não é mesmo? Te amo.

Minha profunda gratidão pelo meu esposo e grande amigo, Fabrizio Albertini, sempre sendo meu apoio, me ajudando em todo tempo sendo meu fotógrafo, digitador, cuidando dos nossos filhos nas minhas inúmeras horas dentro da universidade, e principalmente por enxugar minhas muitas lágrimas derramadas durante toda minha trajetória acadêmica, me animando a nunca desistir e a acreditar que meu amor e dedicação pela Dança sempre foram maiores que os inúmeros obstáculos que enfrentei até aqui. Te amo e sou grata!

Um agradecimento mais que especial aos meus queridos colegas de classe, por todos os momentos juntos, nossas trocas de conhecimento, de risos e choros também, vocês foram e são preciosos para mim, Samuel Carvalho, Prisca, Camila Raposo, Camila Paulucci, Priscila Patta e Maisa.

Aos meus professores e mestres por todo conhecimento transmitido, pela empatia e conversas. Em particular à minha orientadora, pessoa que admiro profundamente como artista, bailarina e grande educadora, exemplo para mim desde que fiz minhas primeiras aulas de Técnica de Alexander em meados dos anos 2000. Obrigada pelos puxões de orelha e

paciência, por não me deixar desistir, por acreditar em mim e me incentivar sempre. Raquel, seu apoio para mim, sempre foram base e impulso que me trouxeram até aqui. Meu carinho e gratidão por você será eterno.

Ao meu mestre muito querido Paulo Baeta, obrigada por aceitar ser minha banca e pelas inúmeras experiências me transmitidas durante suas aulas em particular as de técnica de Dança Moderna e Yoga. Desde jovem sempre sonhei em ser sua aluna e a Universidade Federal de Minas Gerais me proporcionou a realização de mais esse sonho.

Minhas irmãs queridas, Ana Flávia, Cristine e Viviane, que assim como meu pai me consideram a bailarina de suas vidas. Vocês não fazem idéia do tamanho do meu amor e gratidão por vocês.

À minha família e demais amigos, pelo suporte de sempre, cada um me apoiando da sua maneira, sou grata a Deus por tê-los em minha vida.

*A dança: uma expressão perpendicular de um
desejo horizontal*

George Bernard Shaw

O lugar da dança é nas casas, na rua, na vida

Maurice Bejart

RESUMO

Este estudo tem como objetivo investigar a influência da dança bem como suas metodologias na melhoria da qualidade de vida de indivíduos com transtorno do espectro autista (TEA) e suas influências na diminuição de movimentos e comportamentos estereotipados, característicos do TEA . Para isto, foi realizada uma revisão literária na produção de teses e dissertações sobre a influência da dança para crianças com transtorno do espectro autista, através de 4 pontos principais sobre o tema. Estes incluem pesquisas sobre: (1) o transtorno do espectro autista; (2) desenvolvimento cognitivo motor; (3) a importância da dança; e (4) uma pesquisa e discussão sobre a bibliografia já publicada acerca da temática do estudo. Todas as pesquisas foram realizadas nas bases de dados nacionais dados Scielo, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES e Google Acadêmico, com o cruzamento dos descritores dança e autismo (dança AND autismo) assim como uma seleção de estudos disponibilizados na íntegra, para melhor compreensão do tema. Os critérios de inclusão foram: Teses, dissertações e artigos com termos relacionados à “dança e autismo” e o material foi selecionado pela leitura do título, palavras-chave e resumo, e em seguida, pela leitura de cada publicação. Os resultados da pesquisa indicam a eficácia da dança na melhoria da qualidade de vida dos autistas, promovendo um ambiente onde o autista possa se comunicar e se relacionar com o meio, desde que respeitadas suas possibilidades, e que a dança pode ser um meio efetivo na construção de perspectivas para sua definitiva inclusão social e educacional. A pesquisa também indica que o estudo atual sobre esses benefícios por meio da dança ainda é limitado.

Palavras-chave: Dança. Autismo. Educação.

ABSTRACT

This study aims to investigate the influence of dance as well as its methodologies in improving the quality of life of individuals with autism spectrum disorder (ASD) and its influences on reducing stereotypical movements and behaviors, characteristic of ASD. To this end, a literary review was carried out on the production of theses and dissertations on the influence of dance for children with autism spectrum disorder, through 4 main points on the topic. These include research on: (1) autism spectrum disorder; (2) cognitive motor development; (3) the importance of dance; and (4) a research and discussion on the bibliography already published on the study theme. All searches were carried out in the national databases Scielo, Virtual Health Library (VHL), Journal Portal of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel CAPES and Google Scholar, with the crossing of the descriptors dance and autism (dance AND autism) as well as a selection of studies available in full, for a better understanding of the topic. The inclusion criteria were: Theses, dissertations and articles with terms related to “dance and autism” and the material was selected by reading the title, keywords and summary, and then by reading each publication. The research results indicate the effectiveness of dance in improving the quality of life of autistic people, promoting an environment where autistic people can communicate and relate to the environment, as long as their possibilities are respected, and that dance can be an effective means of construction of perspectives for their definitive social and educational inclusion. The research also indicates that current study on these benefits through dance is still limited.

Keywords: Dance. Autism. Education.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: Gráfico de casos de autismo nos EUA	17
Figura 2: Fases do desenvolvimento motor.....	26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 SAÚDE MENTAL E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)	15
2 A DANÇA E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO	19
2.1 CONTRIBUIÇÕES E BENEFÍCIOS DA DANÇA PARA SAÚDE FÍSICA E MENTAL. 22	
2.2 DESENVOLVIMENTO EM INDIVÍDUOS COM TEA	24
3 A DANÇA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR PARA INDIVÍDUOS COM TEA	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

No ano de 2014, duas novas possibilidades de lidar com a Dança nortearam meu caminho, transformando minha relação ela de maneira profunda: comecei o Curso de graduação em Dança (Licenciatura) na Universidade Federal de Minas Gerais, e comecei a dar aula na escola particular Instituto Padre Angélico Lipani situado no centro de Venda Nova em Belo Horizonte, ministrando a disciplina “Educação Corporal Através da Dança”, no ensino básico. Essas experiências me instigaram fortemente e uma série de perguntas começaram a surgir: Dança como disciplina? Dança em uma escola de inclusão social? Isso é possível? Trabalhos práticos e teóricos que eram mais validados do que as tão conhecidas “danças festivas e comemorativas” pertencentes a grade curricular da escola, como lidar? Como aplicar meus conhecimentos?

A universidade me ajudou em torno desses e de tantos outros questionamentos. O Curso de Dança não somente se tornou um espaço de aprendizagem para mim, ampliando minha visão sobre o papel significativo da dança, mas também me transformou em uma “nova artista”, uma artista, uma educadora que entende hoje que a dança, assim como a ciência, a tecnologia e todas as outras áreas de conhecimento, é fundamental na vida do ser humano em relação ao seu desenvolvimento psicofísico, trazendo inúmeros benefícios tanto no âmbito sociocultural e pedagógico quanto da saúde mental e física.

De acordo Pereira (2001) a dança é um conteúdo fundamental que deve ser trabalhado na escola, pois ela poderá levar os alunos a conhecer a si próprios e os demais; a explorar a ludicidade, suas emoções, capacidade de criação e reflexão; a explorar novos sentidos e o mover livremente, dentre outro. Dessa forma, podemos verificar suas infinitas possibilidades de trabalho do aluno com sua corporeidade por meio dessa atividade. No sentido da contribuição na melhoria da qualidade de vida, como por exemplo coordenação motora, interação social, dentre outras, Assis (1994 apud MENEZES, 2016) afirma que:

O trabalho corporal só terá validade se for o reflexo de um trabalho que promova o correto desenvolvimento psicológico e físico do praticante, que facilite a sua integração social, que salvguarde os aspectos recreativos, que desenvolva, assim, o verdadeiro sentido estético. (Assis, 1994, p.144).

Logo que comecei a lecionar no ensino básico enfrentei inúmeras dificuldades. O que mais me intrigava era o que gerava em mim um sentimento de incapacidade enquanto artista/educadora. Com todo meu percurso e experiência na área das artes e também dentro da

área da saúde (cheguei a fazer um curso técnico em Educação Física e até alguns períodos na graduação), eu não tinha dúvidas que a dança trazia “benefícios” para quem a pratica, mas minha dificuldade era justamente proporcionar esses benefícios para os alunos do ensino regular, onde tínhamos em uma mesma turma, alunos e alunas neurotípicos (pessoas que não possuem nenhuma neurodivergência) e tantos outros que apresentavam algum tipo de deficiência como por exemplo, síndrome de Asperger, síndrome de Down, autistas e TDAH, dentre outros.

Trabalhei no Instituto Padre Angélico Lipani no período de 2014 a 2021. Em 2021, ano pós pandêmico, a nova direção da escola decidiu retirar a matéria “Educação Corporal Através da Dança” da grade curricular. Durante esse período, comecei a perceber que, de fato, cada aluno apresentava suas dificuldades nas aulas, tanto os portadores de necessidades especiais quanto os alunos neurotípicos, porém, o que mais me chamava a atenção eram os alunos portadores do Transtorno do Espectro de Autismo (TEA). Com um olhar mais atento a eles, passei a perceber que muitos desses alunos autistas ao decorrer das aulas, apresentava um desenvolvimento significativo em vários aspectos como coordenação motora, lateralidade, ritmo, contato físico não somente com o ambiente, mas também com os colegas de classe, melhora postural e também sua capacidade de criação desde uma simples sequência de aula ou de improvisos, até coreografias mais complexas. A partir daí, desejei me aprofundar nesse tema para que dessa forma eu pudesse compreender um pouco mais sobre o autismo e como eu, enquanto educadora e artista, poderia promover não somente um conhecimento em Dança, mas também levá-los a compreender sua importância e benefícios para suas vidas.

Além disso, sendo artista da dança e professora de dança, percebo a importância de conhecer mais sobre o autismo, como um componente fundamental para se criar um ambiente verdadeiramente inclusivo em minhas aulas. Percebo que trabalhar a inclusão de alunos com algum tipo de deficiência é um tanto complexo, não somente para os alunos, mas também para nós, educadores. Lembro-me de muitos colegas de trabalho, professores, que relataram sempre dificuldades para lidar com essa situação, alguns, incluindo eu, não sabiam sequer distinguir quais eram os alunos portadores do TEA, por exemplo.

De acordo com Oliveira (2020, p. 1), “um dos maiores desafios da atualidade é proporcionar uma educação para todos, sem distinções, além de assegurar um trabalho educativo organizado e adaptado para atender às Necessidades Educacionais Especiais dos

alunos.” Miranda e Filho (2012, p.12) salientam que, “nesse processo, o educador precisa saber potencializar a autonomia, a criatividade e a comunicação dos estudantes, e, por sua vez, tornar-se produtor de seu próprio saber”.

Ao meu ver, para se criar um bom diálogo entre o aluno portador de deficiência e o professor, resultando em um ensino e aprendizagem satisfatório, é fundamental preparar o professor para reconhecer primeiramente que seu papel é de grande relevância nesse processo, visto que é ele quem promoverá tanto o conhecimento quanto a inclusão desse aluno com os demais, ou seja, ele é a “autoridade competente, direciona o processo pedagógico, interfere e cria condições necessárias à apropriação do conhecimento” (Gazim et. al, 2005, p. 51). Para Rocha (2017), o professor é o mediador entre o aluno e o saber, cabendo a ele promover situações pedagógicas em que seus alunos portadores de deficiência consigam superar o senso comum desenvolvendo seu potencial afetivo, social e intelectual. Nós professores, artistas e educadores devemos pensar na educação como um todo, saber que, devemos preparar o aluno para enfrentar o mundo em sua volta, não se restringindo ao ambiente escolar e/ou familiar.

A articulação entre os educadores é urgente, pois existe a necessidade de uma redefinição do papel do professor e de sua forma de atuar, no pensamento sistêmico. É necessário pensar na aprendizagem como um processo cooperativo e de transformação que proporcione a formação de alunos inseridos no mundo, e não mais em apenas uma comunidade local. Finalmente pensar na educação em relação aos aspectos da ética, da estética e da política; a educação fundamentada em um ideal democrático. (Farfus, 2008, p. 30)

Rocha (2017) nos lembra que durante o processo de educação de alunos portadores de deficiência, além do professor, se faz necessária a presença e participação também da família, pois o tripé formado pela escola, família e comunidade é de extrema importância. Através dessa participação efetiva, o professor terá a oportunidade de conhecer melhor seu educando assim como suas especificidades, promovendo dessa forma uma troca de informações e conhecimentos, com a finalidade de possibilitar o melhor aprendizado a todas e todos, visto que, sozinho, torna se impossível efetivar uma escola com fundamentos inclusivistas.

Sabemos que mudar nem sempre é um ato simples. Na maioria das vezes traz desconforto e insegurança, principalmente quando há resistência a esse processo. Porém, mudar muitas vezes se faz necessário, e nesse sentido, repensar nosso papel enquanto educador na educação inclusiva é na verdade além de desafiador, uma oportunidade de se

aprofundar nesse assunto e, conseqüentemente nos permitindo adquirir mais segurança diante dele.

Quanto mais conhecemos determinado fato ou assunto, mais nos sentimos seguros diante dele. O novo gera insegurança e instabilidade, exigindo reorganização, mudança. É comum sermos resistentes ao que nos desestabiliza. Sem dúvida, as ideias inclusivas causaram muita desestabilidade e resistência (Minetto, 2008, p.17).

Sendo assim, cabe a nós educadores, (re) pensar o ato educativo, procurar novas estratégias, posturas e habilidades que nos permitirão não somente problematizar, mas também compreender e intervir nas diferentes situações por nós enfrentadas, além de gerar auxílio na construção de uma proposta inclusiva, resultando em mudanças significativas pautadas em possibilidades para com os alunos portadores de deficiência. Para Rocha (2017, p. 02) “a formação continuada é uma possibilidade de construção da nova proposta inclusiva, pois dá aos profissionais a possibilidade de (re)pensar o ato educativo e analisar a prática docente, com o intuito de criarem espaços para reflexão coletiva e atender ao princípio de aceitação das diferenças, valorizando o outro.”

A partir dessa necessidade emergente, comecei então a procurar dentro do próprio Curso de Dança e da UFMG, disciplinas, cursos, oficinas e palestras que me ajudassem nesse sentido. No ano de 2017, participei do Congresso Internacional Autismo, Dança e Educação – Poéticas da autoralidade, promovido pela Profa. Anamaria Fernandes, docente do Curso de Dança da UFMG. Logo depois me matriculei na disciplina Dança e Necessidades Especiais ministrada pela mesma professora, especialista em dança e autismo. Estes dois momentos foram fundamentais para mim, pois serviram de combustível que alimentaram ainda mais meu desejo de desenvolver e pesquisar sobre o assunto.

Este trabalho será dividido em 3 capítulos, no primeiro, falarei sobre o autismo no campo da saúde mental. No segundo, abordarei a dança e sua relação com a educação. Por fim, no terceiro capítulo, discutirei os benefícios da dança no desenvolvimento psicomotor e cognitivo dos portadores do TEA.

1 SAÚDE MENTAL E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

A saúde mental é como uma engrenagem, que se bem ajustada, opera de maneira contínua e eficiente. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2014), qualidade de vida é a “percepção do indivíduo de sua inserção na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”. Já o conceito de saúde não diz respeito somente a presença ou ausência de doenças. De acordo com o Ministério da Saúde (2022), é preciso incluir um contexto mais amplo envolvendo diversos fatores na vida de uma pessoa e da sociedade como um todo para podermos definir o que é saúde. A partir dessa linha mais abrangente, a própria OMS definiu, em 1964, o termo “saúde” como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social”.

É importante compreender que embora alguns transtornos mentais exibam limites definidos ao demarcar grupos de sintomas, evidências científicas colocam a maioria deles em um espectro com transtornos intimamente relacionados a influências diversas, como fatores genéticos, ambientais e psicossociais. (APA, 2014). Segundo o Ministério da Saúde do Brasil,

Estima-se que de 10 a 20% da população de crianças e adolescentes sofram de transtornos mentais. Desse total, de 3% a 4% necessitam de tratamento intensivo. Entre os males mais frequentes estão a deficiência mental, o autismo, a psicose infantil e os transtornos de ansiedade. (Caminhos para uma Política de Saúde Mental Infanto-Juvenil, 2005, p. 5).

De acordo com Coutinho (2018) a palavra “autismo” deriva do grego “autos”, que significa “voltar-se para si mesmo” ou seja, o autismo é uma condição em que o indivíduo se concentra em si mesmo, vivendo em um estado de imersão em seu próprio mundo interior. O termo autismo foi criado em 1908 pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler para descrever a fuga da realidade para um mundo interior observado em pacientes esquizofrênicos. Este termo foi adotado por Eugen para referir-se à tendência do esquizofrênico de “ensimesmar-se”, tornando-se totalmente abstraído do mundo social, se reduzindo ao seu mundo, o que acredita-se ainda nos dias atuais, ser um comportamento da pessoa autista (Silva, 2009). Já o autismo clássico teve seus primeiros contornos delineados por Leo Kanner em 1943, quando ele o descreveu como Distúrbios autísticos do contato afetivo.

Kanner (1943) durante um estudo de 4 anos, identificou e estudou 11 casos (oito meninos e três meninas) que compartilhavam características bastante específicas como a

incapacidade de estabelecer contato afetivo, comportamentos obsessivos, ecolalia (repetição de palavras ou frases) e estereotípias (comportamentos repetitivos e sem propósito aparente). Embora tenha fornecido algumas indicações sobre o autismo, sua hipótese de uma incapacidade inata abriu caminho para uma forma de entender a origem do autismo. Essa perspectiva, chamada de concepção organicista¹, sugere que as origens das condições de saúde, incluindo o autismo, estão ligadas a disfunções bioquímicas, genéticas ou neuropsicológicas.

Conforme a Associação Americana de Psicologia (APA), o TEA é identificado como um distúrbio do neurodesenvolvimento persistente ao longo da vida, sendo seus sintomas obrigatoriamente evidentes nos primeiros 3 anos de vida. Este transtorno engloba déficits qualitativos no desenvolvimento, particularmente nas esferas da comunicação social e do comportamento, caracterizado por padrões restritos e repetitivos. São eles: Autismo Infantil Precoce, Autismo Infantil, Autismo de Kanner, Autismo de Alto Funcionamento, Autismo Atípico, Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação, Transtorno Desintegrativo da Infância e a Síndrome de Asperger. Já o Ministério da Saúde do Brasil (2022), define o TEA como sendo um distúrbio caracterizado pela alteração das funções do neurodesenvolvimento do indivíduo, interferindo na capacidade de comunicação, linguagem, interação social e comportamento.

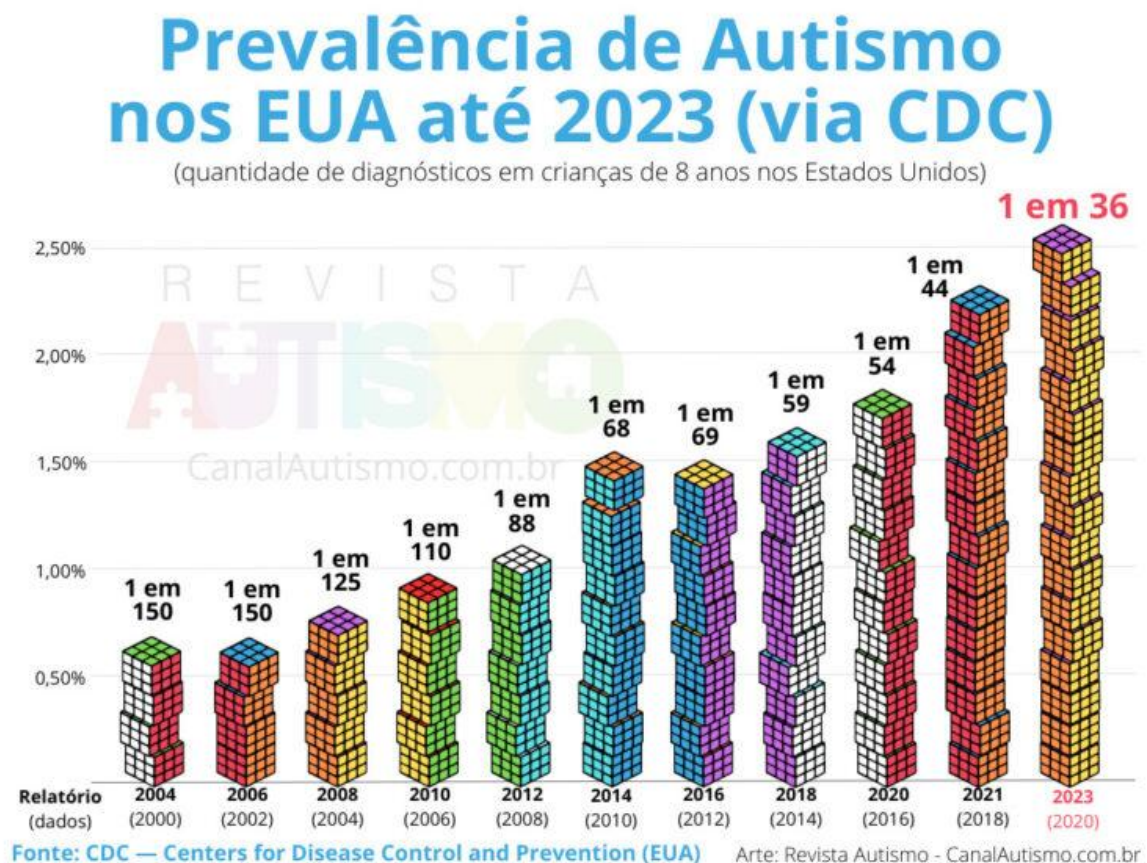
De acordo com o Ministério da Saúde do Brasil (2022), ainda não se sabe exatamente a principal causa do TEA e que, não existe uma única causa, mas que o TEA pode ser resultante de uma combinação de fatores genéticos (predisposição genética) e fatores ambientais, esses fatores ambientais podem aumentar ou diminuir o risco de TEA em pessoas geneticamente predispostas. Alguns deles incluem exposição a produtos químicos, falta de vitamina D e ácido fólico, uso de certas substâncias durante a gravidez, nascimento prematuro, baixo peso ao nascer, gravidez múltipla, infecções maternas durante a gravidez e pais mais velhos. Já a APA também inclui como fatores de risco doenças genéticas, baixo peso ao nascer e exposição fetal ao álcool.

Segundo o órgão de saúde estadunidense *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC), em 2020, os Estados Unidos possuíam um caso de transtorno a cada 36 crianças. No

¹ A perspectiva organicista coloca a aprendizagem como subordinada ao desenvolvimento, uma vez que somente os esquemas mentais disponíveis no sujeito asseguram a aprendizagem.

entanto, 20 anos atrás, era de um caso para cada 150 crianças. De acordo com Alysson Muotri, (CANAL AUTISMO, 2023), professor, pesquisador e neurocientista brasileiro na área de genética na Universidade da Califórnia (EUA), são dados que podem ser extrapolados para o mundo inteiro. A ausência de estimativas específicas para a prevalência do TEA no contexto brasileiro é atribuída, em parte, à dificuldade no processo diagnóstico: “Temos poucos profissionais especializados, e descobrir que alguém tem autismo não é tão simples. Não existe um único exame que detecte isso”, explica Patrícia Braga, professora associada da Universidade de São Paulo (USP) e pesquisadora da plataforma científica Pasteur da USP. (INSTITUTO DE PSIQUIATRIA USP, 2023).

Figura 1: Gráfico de casos de autismo nos EUA



Os critérios para o diagnóstico do autismo foram descritos em manuais como o DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) e a CID (Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde). Ambos os sistemas adotam a terminologia TEA para se referir ao autismo. No DSM-5, os casos de TEA são classificados

em três níveis diferentes ² de acordo com a gravidade: Nível I, em que há prejuízo social notável e dificuldades em iniciar interações; Nível II, em que o paciente exige apoio substancial para lidar com limitações sociais e comportamentais; e Nível III, em que a necessidade de apoio substancial é extrema e há graves déficits nas habilidades de comunicação social e comportamentais. Já o CID-11 apresenta uma classificação mais clara com relação à deficiência intelectual e linguagem funcional, onde os diferentes diagnósticos são baseados no nível de prejuízo nessas habilidades cognitivas. (DSM-5, 2014 e CID-11, 2022).

Uma das motivações para a realização desta pesquisa foi melhor entender, compreender, e tentar identificar tais comportamentos em indivíduos portadores do TEA nas minhas aulas de dança, para poder melhor me relacionar com eles enquanto artista/professora. A seguir, abordarei a dança e sua relação e contribuições no campo da educação.

2 A DANÇA E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO

Maribel Portinari, bailarina e jornalista de grande destaque da dança brasileira, publicou em 1989 um trabalho sobre a História da Dança. Segundo a autora, ao contrário de outras artes, a dança não requer materiais ou ferramentas, apenas o próprio corpo, sendo considerada a mais antiga de todas, uma vez que o ser humano a carrega consigo desde tempos imemoriais (Portinari, 1989 apud GUSSO, 1997). Ao analisarmos o desenvolvimento de uma criança, certamente notaremos que, antes de surgir a fala, ou seja, as primeiras palavras e depois as frases compostas, a criança se comunica através de gestos e movimentos, se expressando de múltiplas maneiras a fim de se comunicar com o mundo exterior. Nesse sentido, o movimento é a primeira manifestação de emoções dos seres humanos e, conseqüentemente, de sua exteriorização. Assim, tanto o movimento quanto o gesto são formas elementares da dança.

Na literatura, encontramos algumas maneiras de dividir a história da dança. Faro (1998), por exemplo, nos sugere que a história da dança seja dividida em três formas distintas, que marcaram épocas: étnica, folclórica e teatral. Já Fahlbusch (1990), divide a partir da dança artística e da dança social. Isabel Marques (2003) sugere essa divisão em danças voltadas para o lazer e danças teatrais (ou artísticas).

Se observarmos a cultura de um país, é perceptível que a dança pode refletir as origens e características únicas de cada região, abrangendo desde expressões locais até manifestações nacionais. De acordo com Silva (2018), alguns indícios sugerem que a primeira escola de dança no Brasil foi estabelecida no início do século XX, na cidade do Rio de Janeiro, incorporando características das escolas europeias de balé. Naquela época, o objetivo não era formar bailarinas profissionais, mas sim ensinar postura adequada e etiqueta para jovens de famílias da elite local. No entanto, alguns bailarinos já atuavam com fins artísticos, buscando criar espetáculos semelhantes aos apresentados em teatros e musicais.

Com o passar do tempo, a dança também foi associada ao universo pedagógico. Além de ser uma forma de diversão e espetáculo, ela passou a ser vista como uma forma de educação (Ferrari, 2009). Nesse sentido, a educação por meio do corpo proporcionada pela dança, pode alcançar vários objetivos, como aumentar a consciência sobre si mesmo,

construir identidades e estimular a criatividade, como destaca Marques (2003, p. 148): “[...] a dança na educação formal não existe somente para o prazer de dançar, mas por meio do esforço criativo em dar forma estética à expressão significativa, espera-se que os alunos desenvolvam sua forma criativa e assim, melhorarem como pessoas.” Assim, a dança se torna uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento pessoal e artístico, possuindo também um grande valor pedagógico.

Por estar ligada à educação, ela auxilia no desenvolvimento do aluno, facilitando sua aprendizagem e contribuindo para a construção do conhecimento. Não me refiro aqui à dança como somente um apanhado de movimentos regidos pela métrica da música. Ao meu ver, a dança tem a capacidade de despertar no aluno sua autoconfiança, explorar seus sentidos, sua consciência corporal e suas infinitas possibilidades. Ela gera um estado de criatividade e reflexão, não só do sujeito em si, mas também da sua relação com o mundo que o rodeia. Aprender a dançar, é, portanto, tão importante quanto o aprendizado da fala. Para Pereira (2002), a dança é mais do que uma simples técnica, é um meio de educação que oferece inúmeras possibilidades de trabalho para o aluno com sua corporeidade.

A importância da dança como ferramenta educacional é reconhecida em documentos que orientam a educação brasileira, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos deverão desenvolver ao longo das etapas da educação básica no Brasil. Ela vem estabelecer as competências e os saberes fundamentais que os alunos deverão experimentar e desenvolver ao longo da sua formação básica (BRASIL, 2017). No ensino fundamental, ela está organizada em cinco áreas do conhecimento: linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e ensino religioso, sendo que uma das propostas da mesma é promover o conhecimento visando a partir disso, uma formação humana integral e a construção de uma sociedade além de justa e democrática, inclusiva. De acordo com a BNCC:

Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (Brasil, 2017, p.7).

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) do Brasil estabeleceu o ensino obrigatório de Arte em território nacional: "o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos" (LDB 9394/96 Art. 26 - § 2º). Essa proposta, como destacado na lei, visava o desenvolvimento cultural do aluno para despertar o interesse pela arte e, também pela consciência corporal.

Finalmente, em 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) foram publicados, incluindo, pela primeira vez na história do país, a dança em seu rol de disciplinas. A inclusão da dança nos PCNs teve como objetivo encarar o ensino de dança como uma atividade educativa e criativa. De acordo com os PCNs publicado em 1998, os principais objetivos da dança seriam valorizar diversas escolhas de interpretação e criação, em sala de aula e na sociedade, situar e compreender as relações entre corpo, dança e sociedade e buscar informações sobre dança em livros e revistas e ou em conversas com profissionais.

Ainda de acordo com os PCNs, embora ainda haja poucas pesquisas na área, já existem bases suficientes para propor uma educação em Dança significativa para os jovens contemporâneos. É recomendado que o professor ouça atentamente os alunos sobre suas experiências corporais e preferências de dança, observando suas escolhas de movimento para adaptar os conteúdos e procedimentos de forma relevante e crítica às realidades dos alunos. O corpo não deve ser visto apenas como um "instrumento" da dança, mas sim como uma fonte de conhecimento, emoção e expressão. A diversidade de corpos na sociedade enriquece as criações de dança, destacando a importância da Dança no processo educacional, ao possibilitar a exploração de diferentes formas de viver em sociedade.

A escola pode desempenhar um papel crucial na educação corporal e no desenvolvimento interpretativo e criativo da dança, ajudando os alunos a compreender e transformar as relações entre corpo, dança e sociedade. Isso se torna ainda mais importante nos terceiro e quarto ciclos, quando os alunos começam a ter maior consciência de seus corpos e de suas vivências. A escola deve instrumentalizar o conhecimento em dança, promovendo uma apropriação crítica e transformadora dos conteúdos, para formar indivíduos mais conscientes de seu papel social e cultural em uma sociedade democrática e diversificada. Nos terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, se o aluno já tiver sido introduzido à Dança nos primeiros ciclos, ele terá um domínio básico das habilidades corporais e dos

elementos da dança. O professor, então, deve focar no aperfeiçoamento dessas habilidades, propondo desafios mais complexos que ampliem as descobertas corporais iniciais. Esse aprimoramento deve enfatizar as relações entre os elementos da dança, como percepção, sensação e sinestesia, durante a prática.

2.1 CONTRIBUIÇÕES E BENEFÍCIOS DA DANÇA PARA SAÚDE FÍSICA E MENTAL

Como fonte de inspiração para este trabalho, compartilharei alguns dos conhecimentos que adquiri na Universidade Federal de Minas Gerais, junto aos professores do Curso de Graduação em Dança (Licenciatura). Ao longo desses anos, a combinação de teoria e prática foi fundamental para transformar meu modo de ver a dança, fornecendo-me bases para a prática pedagógica e ampliando minha perspectiva didática no dia a dia.

As disciplinas estudadas ao longo do curso me levaram a compreender a prática pedagógica como uma parte essencial da vida de uma criança. Durante toda minha trajetória na universidade, entendi que dança é encarada como uma linguagem, onde é importante esse estado intangível onde residem as imagens e as ideias que despertam o ser imaginário do movimento. Dessa forma, o estudo do corpo começa com a conscientização corporal, complementado pelo estudo da anatomia humana e outras disciplinas que foram exploradas ao longo da minha formação.

As práticas de atividades físicas vêm ganhando destaque entre aqueles que buscam melhorar sua saúde e qualidade de vida nessas últimas décadas. Ao longo dos meus 30 anos de experiência com a dança, sempre conversando e observando outros profissionais da área, pais, e até mesmo alunos, percebi que, dentre as diversas possibilidades que a dança oferece, a sua utilização como ferramenta para a melhoria da saúde tem se destacado, não se restringindo, por exemplo, apenas ao desenvolvimento e melhora física ou estética, mas também sendo recomendada muitas vezes para indivíduos que enfrentam desafios específicos. Esses desafios incluem, por exemplo, pessoas lidando com problemas de ansiedade, questões emocionais, dificuldades em relacionamentos, distúrbios comportamentais, déficits no desenvolvimento, baixa autoestima, pessoas com deficiência, entre outros.

Para além do desenvolvimento do seu aspecto artístico, mais comumente reconhecido, a dança possui também a capacidade de atuar no desenvolvimento humano como um todo, colaborando de forma significativa para o desenvolvimento dos indivíduos, nas interações sociais, no desenvolvimento pedagógico, dentre outras.

Laban (1978) compreende a dança como uma linguagem corporal que transcende o mero aspecto artístico, abrangendo o desenvolvimento físico, afetivo e social. Rudolf Laban (1879-1958) foi um importante educador, um influente teórico e coreógrafo húngaro, considerado um dos pioneiros no estudo do movimento humano e da dança moderna. Ele dedicou sua vida ao desenvolvimento de uma compreensão mais profunda do movimento, buscando superar as limitações do balé clássico e tornar a dança mais acessível e expressiva, sua grande paixão pelo movimento pode ser notada em todas as etapas da sua vida (Trevisan 2009).

Mais do que uma expressão individual que celebra a diversidade dos corpos e seus movimentos característicos, Laban via a dança como um instrumento poderoso de interação e comunicação entre grupos sociais. Considerada a arte do movimento humano, influenciada por elementos fisiológicos e psicológicos, a dança capacita as pessoas a se expressarem não apenas nos palcos artísticos, mas também no trabalho e nas atividades da vida cotidiana. Para ele, a dança é uma forma única de comunicação que vai além das palavras, enriquecendo a experiência humana e proporcionando uma conexão profunda com o corpo, as emoções e o ambiente ao redor (Laban, 1978).

A capacidade dos movimentos ritmados, seja de forma improvisada ou coreografada, transcende as limitações temporais e etárias. Ao longo da história humana, em qualquer época, a expressão por meio desses movimentos foi e continua sendo uma maneira poderosa de comunicar sentimentos, emoções e crenças. Ainda de acordo com Laban (1978), essa linguagem corporal não se restringe a uma função específica; ela pode tanto transmitir mensagens profundas quanto ser executada como um exercício livre de expressão. Em qualquer momento e em qualquer idade, os movimentos rítmicos servem como uma forma universal de comunicação que transcende as barreiras linguísticas e oferece uma maneira única e vibrante de conectar-se com o mundo ao nosso redor.

Laban desenvolveu um sistema de notação de movimentos chamado *Labanotation* ou *Kinetography Laban*, que permite registrar e analisar os movimentos corporais de maneira detalhada. Ele acreditava que, ao entender o movimento, estaríamos compreendendo a vida. Laban via o ser humano como uma unidade entre corpo, mente e espírito, com o movimento sendo o resultado dessa interdependência. Seus estudos foram orientados por princípios básicos e universais do movimento, e ele desenvolveu parâmetros para sua prática, análise e descrição. Devido à sua abrangência, esses parâmetros podem ser aplicados não apenas a diferentes estilos de dança, mas também em áreas como teatro, psicologia, educação, saúde, e até mesmo para aprimorar a execução física em diversas formas de trabalho. A sua teoria, conhecida como Arte do Movimento, surgiu da observação dos movimentos corporais no ambiente de trabalho industrial, na vida cotidiana e na própria dança. Essa abordagem democratizou a dança, tornando-a acessível a todos e rompendo com as regras formais e rígidas do balé clássico. Para Laban (1985, p. 100), compreender o que ele chamava de "expressão externa da energia vital interior" era essencial, ou seja, a essência da vida, pois toda forma de expressão, seja falar, escrever, pintar, tocar um instrumento ou dançar, utiliza o movimento como meio.

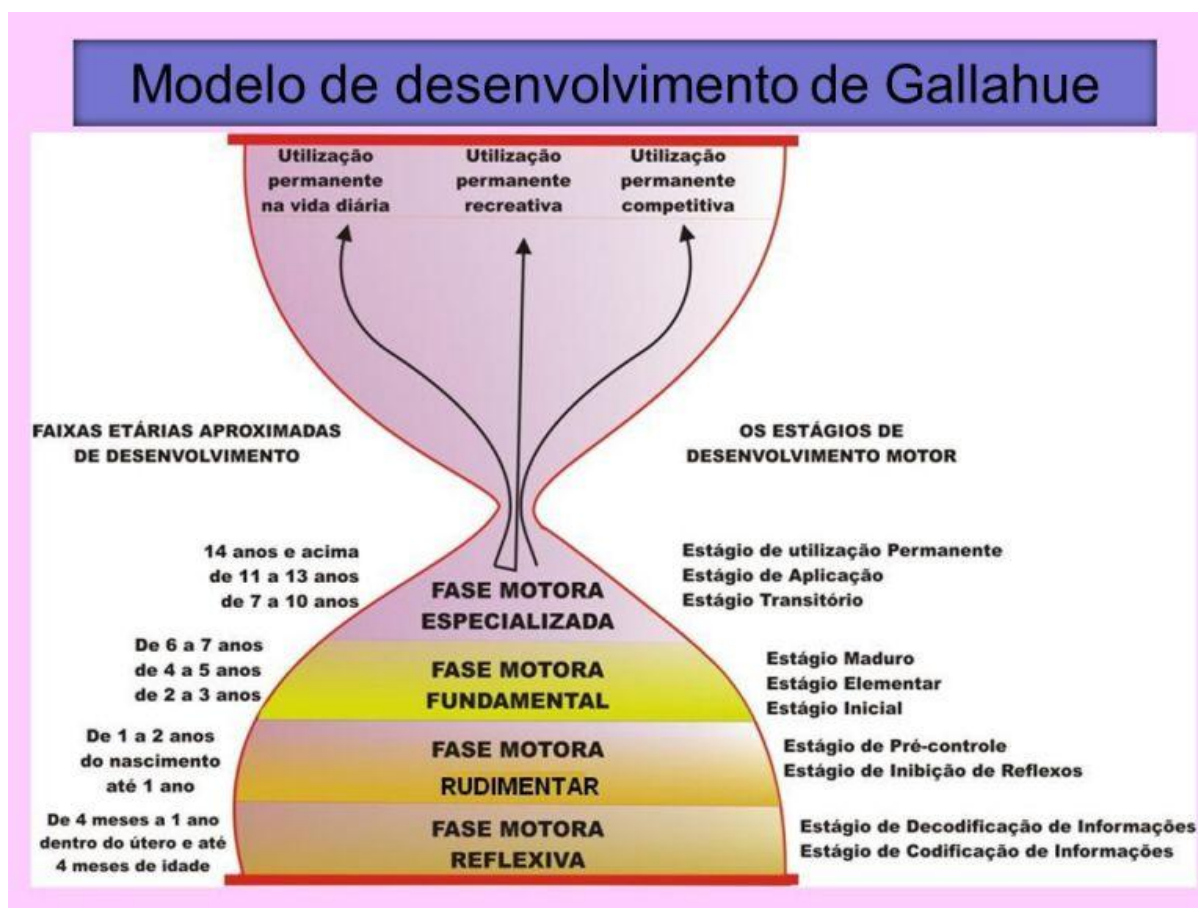
2.2 DESENVOLVIMENTO MOTOR EM INDIVÍDUOS COM TEA

Antes de nos aprofundarmos um pouco mais no que diz respeito aos benefícios que a dança traz para os indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, penso ser de grande relevância falar sobre o desenvolvimento motor das pessoas.

Como dito anteriormente, o desenvolvimento do organismo humano é um processo extremamente complexo e influenciado por diversos fatores, podendo ser esses biológicos e/ou ambientais. Conforme Silva (2018), este processo é especialmente significativo nas fases iniciais da vida, como, por exemplo, a infância e a adolescência, períodos em que o desenvolvimento motor desempenha um papel crucial. Apesar de sua maior relevância nos estágios iniciais da vida, o desenvolvimento motor continua ao longo de toda a existência humana. Ao longo do tempo, ocorrem mudanças no comportamento motor, influenciadas pela interação complexa entre as necessidades e exigências motoras individuais e o ambiente em que se vive. Em cada fase da vida, há expectativas específicas em relação às habilidades e capacidades motoras, as quais estão associadas à desenvoltura motora típica para cada faixa etária. Esse entendimento levou à classificação das fases do desenvolvimento motor,

permitindo perspectivas através das quais é possível medir os níveis de progresso de um indivíduo e identificar desvios em relação ao esperado. A Figura abaixo ilustra as fases do desenvolvimento, de acordo com Gallahue e Ozmun (2003).

Figura 2 - Fases do desenvolvimento motor.



Fonte: Gallahue; Ozmun, 2003

De acordo com o diagrama apresentado, o desenvolvimento motor humano é estruturado em quatro etapas distintas. A primeira delas é a fase motora reflexiva, caracterizada pela predominância de movimentos reflexivos desde a vida intrauterina até aproximadamente um ano de idade. Estes movimentos são respostas automáticas do corpo a estímulos ambientais diversos, servindo como base para a formação de movimentos voluntários futuros (Gomes, 2015).

A segunda etapa, a fase motora rudimentar, marca o início dos movimentos voluntários, que são realizados de maneira previsível e intencional. Esta fase abrange as

habilidades básicas como tarefas manipulativas e movimentos estabilizadores, que se desenvolvem até pelo menos os dois anos de idade, variando de indivíduo para indivíduo (Gomes, 2015).

A terceira fase é a fase motora fundamental, que se estende aproximadamente dos dois aos sete anos de idade. Durante este período, a criança adquire um maior entendimento e controle sobre os movimentos voluntários, focando inicialmente em movimentos isolados e depois combinados, abrangendo habilidades estabilizadoras, manipulativas e locomotoras (Gallahue; Ozmun, 2003).

Por fim, a fase motora especializada é a última etapa do desenvolvimento motor, começando por volta dos sete anos e continuando de forma mais específica até os 14 anos e além. Durante este período, as habilidades fundamentais são refinadas e ampliadas para enfrentar demandas motoras cada vez mais complexas e variadas (Gallahue; Ozmun, 2003). Este processo contínuo e progressivo ao longo das diferentes fases demonstra como o desenvolvimento motor humano é uma jornada multifacetada e crucial para a formação física e cognitiva da criança.

Para Santos e Mélo (2018), quando há variações no desenvolvimento típico de uma criança, podem surgir diversas condições e manifestações, como dificuldades na linguagem, nas interações sociais e em questões comportamentais. Vito e Santos (2020) complementam, dizendo que esses sintomas estão associados ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) e geralmente se manifestam desde os primeiros anos de vida, impactando negativamente o funcionamento diário do indivíduo.

Santos e Mélo (2018) argumentam que as alterações no sistema nervoso central (SNC) das crianças com TEA ocorrem principalmente em áreas específicas do cérebro, além de apresentarem um desenvolvimento irregular de neurônios no sistema límbico. Essas características atípicas prejudicam o desenvolvimento neuropsicomotor do indivíduo e resultam em uma série de consequências, incluindo distúrbios no ritmo de desenvolvimento, que se manifestam em padrões de movimento estereotipados. Além disso, os autores afirmam que é comum observar distúrbios na percepção e dificuldades significativas na socialização, na fala e na linguagem, tanto verbal quanto não-verbal.

Em relação ao movimento, Vito e Santos (2020) afirmam que dificuldades na percepção do tempo e espaço estão associadas a desafios na compreensão do próprio espaço corporal. Isso pode levar a movimentos e gestos inadequados ou descoordenados por parte de indivíduos com TEA, afetando negativamente o desenvolvimento do equilíbrio, da lateralidade e da cognição.

De acordo com Hellendoorn *et al.* (2015), durante o processo de crescimento das crianças, é possível observar certos sinais que podem ser examinados, como aqueles ligados às habilidades motoras finas, que envolvem o uso dos músculos das mãos e dos pés para realizar movimentos detalhados e precisos, como pintar, desenhar ou manipular objetos. Ainda segundo os autores, a coordenação motora fina está relacionada ao desenvolvimento da linguagem, pois essas habilidades facilitam a interação com o ambiente físico e social, contribuindo especialmente para o desenvolvimento da linguagem expressiva.

Assim, dificuldades nas habilidades motoras ou na coordenação podem servir como indicativos de crianças com o Transtorno do Espectro Autista. Quando problemas relacionados ao desenvolvimento motor são negligenciados, especialmente em crianças com TEA, esses desafios podem se agravar e até mesmo levar à dificuldade de movimentação dos membros. De acordo com Vito e Santos (2020), crianças com TEA, entre 18 meses e seis anos de idade, frequentemente apresentam um desempenho global de coordenação motora abaixo da média esperada. Além disso, aproximadamente 20% dessas crianças enfrentam deficiências motoras severas, que prejudicam habilidades que requerem coordenação mais complexa. Observa-se também uma tendência para menor capacidade de socialização em crianças com TEA que possuem deficiências motoras graves.

A presença de deficiências motoras não é necessariamente um indicador antecipado dos sintomas do TEA. No entanto, tais deficiências podem complicar o prognóstico do TEA, justificando a importância de realizar triagens neuromotoras e motoras precocemente. Segundo Santos e Mélo (2018), a psicomotricidade, nesse contexto, desempenha um papel significativo ao promover o desenvolvimento humano, especialmente através de exercícios lúdicos que incentivam a interação e estimulam a criatividade e a motricidade das crianças. Para eles, o objetivo principal da psicomotricidade é estruturar a motricidade de um indivíduo por meio de programas educacionais que equilibram as necessidades individuais e coletivas. A avaliação psicomotora considera uma variedade de fatores, como tonicidade, lateralização,

equilíbrio, estruturação espaço-temporal, somatognosia, praxias global e fina. Dessa forma, se utiliza de metodologias que promovem a consciência corporal e a percepção espaço-temporal, facilitando o desenvolvimento da autoconsciência e das interações sociais e ambientais. Nesse sentido, a psicomotricidade desempenha um papel essencial não apenas na avaliação, mas também no acompanhamento do desenvolvimento de indivíduos com TEA.

De acordo com Teixeira e Machado (2015), ao promover melhorias na interação interpessoal e com o ambiente, é possível contribuir para o desenvolvimento intelectual e físico do indivíduo. É preferível que intervenções nas funções motoras sejam iniciadas precocemente, otimizando assim o desenvolvimento dessas habilidades tão importantes para as atividades cotidianas das crianças com TEA. Nesse contexto, atividades coordenadas, como a dança, podem desempenhar um papel crucial no desenvolvimento motor desses indivíduos.

Ao desenvolver esta pesquisa notei que, devido aos comportamentos do portador do TEA, quando se refere à melhoria da qualidade de vida dessas pessoas, um dos pontos importantes mencionados na literatura se refere ao desenvolvimento psicomotor, assunto que tratarei no capítulo a seguir.

3 - A DANÇA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR PARA INDIVÍDUOS COM TEA

Como sabemos, a educação infantil é considerada a primeira etapa da educação básica e, conforme a Lei nº 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB), a educação infantil tem como objetivo o desenvolvimento completo da criança de até 5 anos, abrangendo os aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando o papel da família e da comunidade (Brasil, 1996, art. 29). Portanto, esse nível de ensino deve promover o desenvolvimento integral da criança, servindo como base para seu pleno crescimento.

A escola é um ambiente privilegiado para acompanhar o desenvolvimento infantil e intervir sobre ele. Para Gomes (2018), passamos a refletir sobre essa fase da infância que demanda compreensão, especialmente nos primeiros anos de vida, seja no âmbito afetivo, familiar ou escolar. É durante esse período que o caráter da criança começa a ser moldado e consolidado.

Se analisarmos nossas crianças e em consonância com a literatura até aqui apresentada, perceberemos que a primeira infância é uma fase crucial para o desenvolvimento das crianças, pois é nesse momento que elas começam a se formar como seres humanos, influenciadas pelos diversos estímulos do ambiente ao seu redor. Além disso, “a infância apresenta-se como fase crucial para o desenvolvimento de um repertório motor que favorecerá o aprimoramento de outras habilidades no decorrer da vida adulta” (Fin; Barreto, 2010, p. 5). Nesse contexto, uma das ferramentas que podem ser utilizadas para promover o desenvolvimento integral das crianças são as atividades que envolvem exercícios psicomotores.

De acordo com Le Boulch (1992), a psicomotricidade ocorre por meio de ações educativas que envolvem os movimentos naturais e as posturas corporais da criança, ajudando-a a formar uma imagem de seu corpo e contribuindo para o desenvolvimento de sua personalidade. Trata-se de uma prática pedagógica que busca promover o desenvolvimento completo da criança no processo de ensino-aprendizagem, desempenhando, assim, um papel fundamental na educação infantil. Essa abordagem favorece os aspectos físicos, mentais, emocionais e socioculturais, sempre procurando se alinhar à realidade dos alunos. Nesse contexto, destacam-se atividades como correr, pular e outros movimentos amplos e finos,

como recortar, escrever e realizar produções psicomotoras que envolvem o corpo em movimento.

Já segundo Aquino (2012), as atividades psicomotoras precisam seguir uma ordem, uma sequência e uma sucessão de movimentos, sempre com base em um objetivo específico a ser atingido. A psicomotricidade estuda o ser humano com o objetivo de promover seu desenvolvimento integral de maneira organizada, utilizando diferentes movimentos para aprimorar os aspectos cognitivos, sociais, emocionais e físicos.

Silva e Navarro (2012) explicam que a psicomotricidade é o desenvolvimento do corpo, considerando aspectos neurológicos, fisiológicos, a anatomia e os movimentos, em relação ao tempo e ao espaço, atualmente a psicomotricidade se relaciona com a ação, servindo como uma forma de tomar consciência que conecta a pessoa ao seu corpo. Ainda de acordo com esses autores, a primeira infância é uma fase crucial para o desenvolvimento das crianças, pois é durante esse período que elas se formarão como seres humanos, influenciadas por diversos estímulos do ambiente em que estão inseridas. Portanto, um dos meios que podem ser usados para promover o desenvolvimento integral das crianças são as atividades que envolvem exercícios psicomotores.

No caso do TEA, onde os transtornos do neurodesenvolvimento podem afetar a qualidade de vida e interferir no aprendizado e no processo de interação social, a dança pode ser uma forma de estímulo para ajudar no desenvolvimento desses indivíduos (Silva e Orlando 2019). Segundo Nanni (2001), atividades que combinam música e movimento são vistas como estimulantes e cruciais para o desenvolvimento físico de crianças e jovens, pois a formação de uma consciência corporal adequada está ligada à execução de movimentos amplos e deslocamentos completos. Essas práticas promovem o amadurecimento das habilidades motoras nas pessoas, podendo resultar em diversas melhorias no desenvolvimento motor.

Para Santo *et al.*, (2015) a prática de dança oferece uma ampla gama de benefícios, pois engloba diversos estímulos sensoriais além dos motores, como táteis, visuais, auditivos, afetivos e cognitivos, oferecendo ao indivíduo não apenas a experimentação de movimentos fisicamente, mas também sua percepção visual, transformando-os em ações.

O gesto coordenado, ou gesto rítmico, ensinado através da dança, desempenha um papel fundamental na formação de uma estruturação temporal adequada, proporcionando ao indivíduo uma certa harmonia. Através do ritmo dos movimentos, é possível acessar a organização e a percepção do tempo, o que permite uma maior consciência dos ritmos motores do corpo, além de uma melhor compreensão dos ritmos e movimentos corporais manifestados externamente. Com isso, há um aumento na percepção dos próprios movimentos e uma maior facilidade em organizá-los mentalmente durante o estágio de desenvolvimento psicomotor (Le Boulch, 1982). Portanto, a prática regular da dança é vista por pesquisadores que estudam o TEA como um exercício que facilita a máxima conscientização corporal, promovendo altos níveis de habilidade motora global, que engloba não apenas equilíbrio, mas também organização espacial, temporal e consciência de lateralidade (Oliveira, 2001). Apesar da relevância da dança no desenvolvimento motor humano, Alves e Andrade (2013) afirmam que essa forma de expressão ainda é pouco explorada na construção corporal durante a fase de desenvolvimento, ou mesmo como uma intervenção para a melhora de déficits motores.

Steinmetz (2010) conduziu, em 2008, um estudo no Canadá que revelou que, em uma população de crianças sem risco de vulnerabilidade social, 35% apresentavam atraso no desenvolvimento. Em contraste, em grupos considerados em situação de vulnerabilidade social, a estimativa de atraso aumentava para 46%. Essas taxas podem estar correlacionadas a fatores contemporâneos, como a redução das atividades de brincadeira ao ar livre e o aumento do uso de dispositivos eletrônicos, os quais não demandam um elevado nível de movimentação corporal. Entre crianças e jovens da atualidade, observa-se uma alta prevalência de atrasos no desenvolvimento motor e distúrbios de coordenação. Essa situação é alarmante, uma vez que esses fatores estão associados a comprometimentos nas relações sociais, afetivas e acadêmicas das crianças.

Diante desse contexto, a dança se configura como uma ferramenta essencial de intervenção, promovendo o desenvolvimento motor de maneira significativa. Nesse sentido, os pesquisadores Anjos e Ferraro (2018) conduziram uma análise do desenvolvimento motor de crianças que participaram ou não de aulas de dança. Os resultados obtidos demonstraram uma melhoria substancial no desenvolvimento motor do grupo exposto à prática da dança, em comparação ao grupo controle que não teve essa experiência. Embora ambos os grupos tenham apresentado avanços positivos, o grupo interveniente alcançou os resultados

desejados de forma mais acelerada. Assim, os autores enfatizam a relevância da prática da dança para o desenvolvimento motor, destacando, porém, que essa atividade deve ser mantida de forma contínua ao longo do crescimento, uma vez que o desenvolvimento motor é um processo em constante evolução.

Ensinar dança para uma pessoa autista requer que o educador desperte um interesse e instigue o autista a experimentar e conhecer seu corpo de forma lúdica e sensorial, o que o levará a ter mais consciência do seu próprio corpo e permitirá além disso, um contato com o ambiente externo que o cerca. Gomes (2018) trouxe algo que considero essencial para nós educadores e artistas trabalharmos com portadores do TEA. Segundo a autora, dependendo do grau de autismo, como professores, podemos trabalhar o aspecto sensorial das crianças utilizando atividades lúdicas no início da aula. Essas atividades despertam a curiosidade dos alunos para a brincadeira proposta, promovendo uma interação entre jogos de coordenação motora e equilíbrio, além de incentivar o desenvolvimento do lado artístico.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) no que se refere à linguagem da Arte, conecta-se aos conhecimentos relacionados a produtos e fenômenos artísticos, englobando a prática de criar, interpretar, produzir, construir e refletir sobre o processo de aprendizagem em Arte:

A prática artística possibilita o compartilhamento de saberes e de produções entre os alunos por meio de exposições, saraus, espetáculos, performances, concertos, recitais, intervenções e outras apresentações e eventos artísticos e culturais, na escola ou em outros locais. Além disso, o compartilhamento das ações artísticas produzidas pelos alunos, em diálogo com seus professores, pode acontecer não apenas em eventos específicos, mas ao longo do ano, sendo parte de um trabalho em processo (BNCC, 2016, p. 191)

O envolvimento da criança autista deve começar com o esforço contínuo do professor de dança em ajudá-la a entender essa linguagem como parte de seu corpo e como uma oportunidade de inclusão por meio da dança. Como mediadores, somos responsáveis por guiar o processo de construção do conhecimento do aluno. Nesse contexto, é importante destacar que as recentes mudanças na legislação brasileira incluem as artes visuais, a dança, a música e o teatro como linguagens essenciais no currículo da educação básica.

A partir da Lei nº 13.278/16, a dança é considerada obrigatória na educação básica:

O § 6º do Art. 26 O ensino das artes visuais, a dança, a música e o teatro constituirão componentes curriculares obrigatórios, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais publicados em 1998 (PCN – Arte), o conhecimento da arte oferece ao aluno a oportunidade de entender o mundo com uma perspectiva poética. A arte demonstra que é possível transformar a vida constantemente, que é necessário mudar as referências e ser flexível. Em outras palavras, oferecer novas possibilidades é essencial para garantir que o processo de aprendizagem seja contínuo e positivo. Os Parâmetros ainda visam integrar as artes visuais, a dança, a música e o teatro no currículo escolar. Por muito tempo, essas práticas foram vistas apenas como atividades de recreação, equilíbrio emocional, expressão criativa ou treinamento de habilidades motoras. No entanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais apresentam a Arte como uma área de conhecimento que necessita de espaço e continuidade, assim como todas as outras disciplinas do currículo escolar.

A dedicação em trabalhar com crianças com deficiência é resultado do nosso carinho e reconhecimento pelos valores que a Educação Básica oferece, muitas vezes nos levando a refletir sobre nossa própria prática como professores. É essencial estabelecer uma conexão entre o professor de dança e o aluno autista para começar a desenvolver a autonomia corporal, levando em conta as dificuldades em compreender a subjetividade de cada criança. Isso cria oportunidades de ensino que são importantes tanto para o desenvolvimento afetivo quanto cognitivo.

Essa abordagem inclusiva no ensino da dança vem a contribuir para nós, os profissionais da área, possamos aplicar nossos conhecimentos teóricos e aproveitar as experiências adquiridas durante a formação. Ela valoriza a dança tanto no ambiente escolar quanto na sociedade. Apesar das dificuldades desse processo que sabemos ser inúmeras, contamos com a nossa sensibilidade para estar aberto ao outro, tocando e sendo tocado, graças ao nosso olhar atento ao corpo e ao seu comportamento em diferentes situações. No entanto, sabemos que cada criança tem seu próprio ritmo e que é essencial respeitar o desenvolvimento individual de cada uma, permitindo que ocorra de maneira espontânea.

O ensino da dança nas escolas abre várias oportunidades importantes para o desenvolvimento motor e sensorial das crianças, bem como para o conhecimento do corpo e

suas potencialidades expressivas. Pesquisas mostram que as artes têm uma grande influência no processo de aprendizagem de crianças autistas, pois oferecem diversas formas de expressão, sem restringir a criança a um único modo de fazer. Isso é especialmente relevante quando se trata da linguagem da dança, que é contextualizada e vivenciada no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante meu tempo na educação básica, tanto como aluna quanto professora, percebi que, a dança mesmo quando é utilizada de maneira educativa, frequentemente é vinculada a coreografias voltadas às datas comemorativas previstas no calendário escolar. Gostaria de salientar a relevância da conscientização de gestores públicos sobre a implementação adequada de atividades que envolvem a cognição, considerando-as como parte essencial da formação dos alunos. Assim, é fundamental realizar uma análise crítica da dança como um método significativo para o desenvolvimento, em vez de vê-la apenas como uma atividade física sem propósito.

Com base na revisão bibliográfica apresentada e observando meus alunos ao longo dos anos, é possível observar que a dança oferece inúmeros benefícios significativos para indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esses benefícios incluem a melhoria da comunicação, aumento da consciência corporal, aprimoramento comportamental, bem-estar psicológico e desenvolvimento das habilidades sociais. Além disso, os estudos revisados indicam uma influência positiva da dança na mitigação dos sintomas negativos do TEA, promovendo empatia, relacionamento interpessoal, cognição, interação, emoção e qualidade de vida.

Dentro da pesquisa bibliográfica que fiz para este trabalho, pude perceber que indivíduos com o TEA enfrentam dificuldades para se identificar e se relacionar tanto com pessoas neurotípicas quanto entre si. Apesar de necessitarem de atenção especial, não podemos deixar de integrá-los no cotidiano social, lembrando sempre que sejam respeitados seus espaços e peculiaridades; contribuindo dessa forma em seus relacionamentos interpessoais, o que ao meu ver, além de trabalhar a inclusão social estaremos também promovendo desafios para que, as pessoas neurotípicas possam saber lidar e compreender mais sobre os portadores do TEA e seu universo.

Como pesquisadora deste trabalho, pude notar e constatar que as disfunções apresentadas por indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem estar ligadas a dificuldades motoras e que diversas alternativas têm sido utilizadas com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento desses indivíduos, utilizando estratégias acessíveis, de fácil compreensão e alta aceitabilidade. Dentro deste contexto, a dança tem sido avaliada por meio

de diversos estudos como uma intervenção capaz de melhorar significativamente tanto as habilidades motoras quanto a cognição não somente em indivíduos neurotípicos, mas também portadores do TEA. Além disso, a dança tem sido associada ao aprimoramento de outros aspectos, como a interação social, que frequentemente é afetada pelas disfunções inerentes ao TEA.

A presença da dança no currículo da escolar, abrangendo desde as séries iniciais até as últimas etapas da educação básica, é fundamental. Sinto um profundo pesar por ter notado que, na maioria das escolas que estudei, lecionei e até mesmo cursei estágio (disciplina obrigatória do curso de Dança da UFMG), ela ainda não se faz presente de forma precisa e clara, sendo abordada geralmente como um capítulo do livro de artes da instituição, o que não deve ser desconsiderado, claro. No entanto, ao pensar na relevância que a dança tem durante esse período da educação básica, percebemos o quanto ela é crucial para o desenvolvimento funcional das crianças, englobando aspectos motores, cognitivos, sociais e afetivos. Quando inserida no dia a dia do autista, a dança pode contribuir significativamente para os aspectos funcionais da criança. Neste estudo, essa contribuição foi especialmente abordada em relação a indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Outro ponto fundamental ao fazer essa pesquisa é que, apesar de sua importância, é evidente a escassez de estudos que avaliam intervenções da dança para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). No entanto, considerando o grande potencial dessa área, acredita-se que os resultados obtidos até agora possam auxiliar e incentivar a realização de novas pesquisas e a aquisição de conhecimentos adicionais sobre o tema. Este tipo de intervenção tem demonstrado eficácia na melhoria das habilidades motoras e a promoção de sua prática pode trazer benefícios significativos para o estilo de vida de crianças e adultos autistas, bem como para seus familiares.

Penso que nós artistas, educadores e bailarinos, se tivermos um olhar bem atento aos nossos alunos e conhecendo cada vez mais sobre o TEA, seremos capazes de identificar os comportamentos inerentes ao TEA e, dessa forma, poderemos utilizar a dança como ferramenta poderosa para contribuir na qualidade de vida desses indivíduos. Não me refiro somente à dança acadêmica ou de formação técnica, mas a dança também utilizada nas escolas de ensino formal, como dita já no decorrer deste trabalho. Espero também que esse trabalho possa instigar outros estudantes a se aprofundarem mais neste assunto, contribuindo

para o conhecimento e demonstrando que, a dança por si só, é uma grande ferramenta no que diz respeito a promoção de qualidade de vida.

Através desta pesquisa, ficou claro para mim, a importância da responsabilidade e comprometimento da presença do professor e seu papel dentro da sala de aula. O saber lidar com alunos deficientes é algo altamente desafiador. É necessário ter consciência do nosso dever e missão enquanto professores, visto que o professor tem o papel de impactar vidas, criando alunos capazes de se expressarem e de se comunicarem de forma consciente e única com o meio em que vivem.

É fundamental reconhecer que a licenciatura me ajudou a entender a importância de dedicar-se à educação em dança e de cultivar uma abordagem carinhosa nas aulas. No entanto, sabemos que a Universidade é apenas o ponto de partida; somos nós que devemos buscar e gerar conhecimento. Muitas vezes, é necessário procurar disciplinas fora da grade curricular obrigatória (no caso da Licenciatura em Dança) para aprofundar nosso conhecimento sobre Educação Especial, que está crescendo cada vez mais nas escolas.

Concluo dizendo que meu amor pela dança começou na infância, quando, de forma inocente e pura, fui influenciada pelo ballet clássico, uma paixão que persiste até hoje. De maneira mais concreta, consciente e apaixonada, percebo que, através dessa Arte, posso transformar a realidade de outras crianças. Assim como eu tive a chance de descobrir a dança por meio do meu corpo, desejo proporcionar essa mesma oportunidade a outras crianças e espero contribuir significativamente de forma benéfica em suas vidas, apontando caminhos para que meus alunos possam se conhecer, se descobrir e redescobrir a cada aula, a cada dança, e que essa dança seja única e particular de cada ser, onde seus corpos serão registros de suas existência e resiliência na sociedade em que vivem. Espero também que, dessa forma, essas crianças, adolescentes e jovens possam impactar de modo sensível a vida de seus familiares e daqueles que os cercam, revelando seus potenciais, despertando nessas pessoas o amor, a paciência, o carinho e respeito por eles e por si próprio.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C.C.; ANDRADE, L.T. **A prática de dança na Educação Física escolar: realidades e desafios**. EFDeportes, Buenos Aires, ano 18, n. 184, 2013.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Maria Inês Corrêa Nascimento *et al.* (trad.). Aristides Volpato Cordioli *et al.* (Rev.). 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: < <https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf> >. Acesso em: 20 mar. 2024.
- ANJOS, Isabelle de Vasconcellos Corrêa dos e FERRARO, Alexandre Archanjo. **A influência da dança educativa no desenvolvimento motor de crianças**. Revista paulista de pediatria, v. 36, n. 3, p. 337-344, 2018 Tradução . . Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/rGdVZKZZFR4zQcKg8jpDGLk/?lang=pt> Acesso em: 15 abr. 2023.
- APA. ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSICOLOGIA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre-RS: Artmed, 2014.
- ASSIS, Roselee Ribeiro de. **Corpo e a Dimensão Estética**. In DANTAS, Estélio H. M.(org). Pensando o Corpo em Movimento. Rio de Janeiro: Shape, 1994
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE (ABP). O que é psicomotricidade. [s. d.]. Disponível em:< <https://psicomotricidade.com.br/> > . Acesso em: 20 maio. 2024
- BOURCIER, Paul. **A história da dança no ocidente**. 2.ed. São Paulo: Martins Pontes, 2001. Centers for Disease Control and Prevention (CDC). **1 a cada 36 crianças têm autismo** – Instituto de Psiquiatria – IPq. Disponível em: https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/72/ss/ss7202a1.htm?s_cid=ss7202a1_w <https://ipqhc.org.br/2023/04/02/1-a-cada-36-criancas-tem-autismo/> Acesso em: 15 fev. 2024
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Caminhos para uma política de saúde mental infanto-juvenil**. 2a ed. rev. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2005. 72 p. (Série B. Textos Básicos em Saúde). Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/05_0887_M.pdf >. Acesso em: 20 mar. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte. Brasília: MEC/SEF, 1997a. 130p.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física. Brasília: MEC/SEF, 1997b. 114p.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília-DF: MEC; CONSED; UNDIME, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Transtorno do Espectro Autista: entenda os sinais**. Brasília, 2022. Acesso em 17/08/2024 <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/agosto/transtorno-do-espectro-autista-entenda-os-sinais>

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Propostas Ensino Fundamental**: arte. 2º ed. Brasília: MEC, 2016.

_____. Lei nº 13.278/16, de 2 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. **Diário Oficial da União**, mai; Brasília, 2016b.

COUTINHO, F. T. **Desenvolvimento da comunicação e linguagem na criança com Transtorno do Espectro Autista**. 2018. 12 f. Monografia (Especialização em Psicomotricidade Clínica e Escolar) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

FAHLBUSCH, Hannelore. **Dança: moderna-contemporânea**. Rio de Janeiro: Sprint, 1990. 143 p.

FARFUS, D. **Organização pedagógica dos espaços educativos. Disciplina: Organização Pedagógica Espaços Educativos do curso de Pedagogia EaD da FACINTER**. Curitiba, 2008.

FARO, Antônio José. **Pequena história da dança**. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FERRARI, Marina. **Por que Dança na Escola?** Disponível em: <<https://feffd.ufg.br/n/7944-por-que-danca-na-escola>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

FIN, G.; BARRETO, D. B. M. **Avaliação motora de crianças com indicadores de dificuldades no aprendizado escolar, no município de Fraiburgo, Santa Catarina**. Unoesc & Ciência - ACBS, Joaçaba, v. 1, n. 1, p. 5-12, jan./jun. 2010.

Francisco Paiva Jr. Canal Autismo. 2023. **Prevalência de autismo: 1 em 36 é o novo número do CDC nos EUA**. Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/noticia/prevalencia-de-autismo-1-em-36-e-o-novo-numero-do-cdc-nos-eua/>

GALLAHUE, D.L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2003.

GAZIM, E. et al. **Tendências pedagógicas brasileiras: contribuições para o debate**. Revista Chão da Escola. Curitiba, n. 4, p. 41-52, out. 2005.

GOMES, A. A. **Avaliação do desenvolvimento motor na fase fundamental de crianças em uma instituição de ensino de Pirajuí/SP - Estudo comparativo**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Fisioterapia) - Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium. Lins, 2015

HELLENDORRN, Annika et al. **Motor functioning, exploration, visuospatial cognition and language development in preschool children with autism**. Research in Developmental

Disabilities, 39, 32–42, 2015. Disponível em:
<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0891422214005472>. DOI:
10.1016/j.ridd.2014.12.033

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. Tradução de Ana Maria Barros De Vecchi, Maria Sílvia Mourão Netto. 5. ed. São Paulo: Summus, 1978. 268 p. ISBN 85-323-0017-0

LE BOULCH, J. **O desenvolvimento psicomotor: do nascimento até os 6 anos**. Tradução Ana Guardrola Brizolara. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

MINETTO, Maria de Fátima. **Currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio**. Curitiba - 2. ed.: Ibpx, 2008.

PEREIRA, SRC et all. **Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento**. Revista Kinesis. Porto Alegre, n. 25, 2001.

PORTINARI, Maribel. **História da dança**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1989.
MARQUES, Isabel. **Metodologia para o Ensino de Dança: luxo ou necessidade?** In: PEREIRA, Roberto & SOTER, Sílvia. (org.) Lições de Dança 4. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2003.

MARQUES, Izabel A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

MENEZES, Simone Santana. **A importância da dança para desenvolvimento de alunos transtorno do espectro autista (TEA)**. 2016. Disponível em:
<https://www.revistaacademicaonline.com>

MIRANDA, T. G.; GALVÃO FILHO, T. A. (Org.) **O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares**. Salvador: EDUFBA, 491 p., 2012.

NANNI, D. **Dança educação: da pré-escola a universidade**. 3 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

OLIVEIRA, V. M. de. **O que é educação física**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

OLIVEIRA, F.L. **Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista**. Revista Educação Pública, v. 20, nº 34, 8 de setembro de 2020.

OMS. **Saúde Mental**. Disponível em: < <https://www.who.int/health-topics/mental-health> >. Acesso em: 10 02. 2023

Organização Mundial de Saúde: Divisão de Saúde Mental. **Conceito de Qualidade de Vida**. 1994. Disponível em <https://www2.unifap.br/dqv/manual-de-qualidade-de-vida/programa-de-qualidade-de-vida/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20qualidade%20de,expectativas%2C%20padr%C3%B5es%20e%20preocupa%C3%A7%C3%B5es%E2%80%9D>.

ROCHA, P.S.V.S. **A importância do lúdico na educação infantil: uma análise a partir da concepção de professores**. 2017. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Federal da Paraíba Centro de Educação, Alagoa Grande, 2017.

SANTO et al, **As contribuições da dança no desempenho motor de crianças da Educação Infantil**, v.11, n.2, p.29-46, Rio de Janeiro, 2015.

SANTOS, Évelyn & MÉLO, Tainá. (2018). **Caracterização psicomotora de criança autista pela escala de desenvolvimento motor**. Divers !. 11. 10.5380/diver.v11i1.61270.

SILVA, M. L. T. **A dançaterapia no desenvolvimento motor de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista: uma revisão bibliográfica**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal de Pernambuco, Vitória de Santo Antão, 2018.

SILVA, E. C.; ORLANDO, R. M. **A interface dança e autismo: o que nos revela a produção científica**. Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 32, 2019.

SILVA, M.; MULICK, J.A. **Diagnosticando o Transtorno Autista: Aspectos Fundamentais e Considerações Práticas**. Psicologia Ciência e Profissão, v.29 (1), p.116-131, 2009.

SILVA, T.N.; NAVARRO, E.C. **Problemas de aprendizagens psicomotoras**. Revista Eletrônica da Univar, Barra do Garças, n. 7, p. 49-52, 2012.

STEINMETZ, Nicolas. **O desenvolvimento das crianças e a saúde das sociedades, Pediatria e Saúde Infantil**, Volume 15, Edição 1, Janeiro de 2010

TEIXEIRA-MACHADO, Lavínia. **Dançaterapia no autismo: um estudo de caso**. **Fisioterapia e Pesquisa**, 22(2), 205-211. 2015. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.590/1809-2950/11137322022015>. Acesso em: 20 Mar. 2023.

VITO. de V. P.; SANTOS. **O desenvolvimento motor e a aquisição de habilidades motoras em autistas**. **Biológicas & Saúde**, [S. l.], v. 10, n. 34, p. 1–15, 2020. DOI: 10.25242/8868103420202010. Disponível em: https://www.perspectivasonline.com.br/biologicas_e_saude/article/view/2010

1 a cada 36 crianças tem autismo – Instituto de Psiquiatria – IPq. Disponível em: <https://ipqhc.org.br/2023/04/02/1-a-cada-36-criancas-tem-autismo/> >. Acesso em: 15 ago. 2024.